



CASA DAS MÁQUINAS

alexandre guarnieri

poemas



alexandre guarnieri

CASA DAS MÁQUINAS

poemas



editora da palavra



2011

sumário

interruptor, 13

mecanophrenya

componente zero, 17

1/ uma lâmpada, 19

2/ duas válvulas, 21

2/ dois discos rígidos, 23

3/ três engrenagens, 25

4/ quatro motores, 27

5/ cinco cilindros, 39

11/ onze rebites, 49

1/ uma máquina datilográfica, 71

alameda da indústria

c4s4 d4s má9uin4s, 75

módulo inaugural, 85

neon: do fabrico ao uso, 89

mineração, 93

bitolas, 95

catálise pesada, 97

música de trabalho, 99

rouparia, 103

tipografia, 105

cosmogonia sonora da indústria, 107

dormitórios, 109

século XX, 113

Urbi et Orbitron

pedra fundamental, 121
outra pedra fundamental, 123
pedraria, 125
jardins, 127
cidade, 131
rotinas, 135
guerra civil, 147

a anima da máquina [...]

Bomba-relógio, 163
caixa-preta, 165
ferro-velho, 167
daemon-endo-machina, 169
blecaute, 173
post scriptum, 175

posfácio (por Mauro Gama), 177

sobre o autor, 183

*O fogo inclina sua espada
Sobre a difícil floração da língua.*

Mariel Reis

*Quem dá de comer às máquinas de Metropolis
com sua própria vida? Quem lubrifica as
juntas das máquinas com seu sangue? Quem
alimenta as máquinas com sua própria carne?*

Thea Von Harbou
(em "Metropolis", de Fritz Lang)

*Welcome my son, welcome to the machine
Where have you been?
It's alright we know where you've been [...]
Welcome my son, welcome to the machine
What did you dream?
It's alright we told you what to dream [...]
So welcome to the machine*

Pink Floyd

interruptor

o funcionamento central desta escrita
guiada desde engrenagens gerais, do com-
plexo centro decisório (no miolo, o código)
aos simples acessórios do chassi (da capa
dura às páginas d'alguma gramatura);
clara aqui, uma gramática da máquina, caixa
de palavras cuja engenharia concreta fixe al-
guma sintaxe, ou outra, esta reclusa, oculta
sob a tipografia física de poemas rosqueados
ora a esquadrias de ferro sujo, ora a chapas
de aço inox; tome o livro ao alcance do olhar,
(a leitura é o combustível), tome-o pois,
à mão, o tal dispositivo, livro (é no cérebro
de neurônios o mistério, à senha), que
ninguém sabe, ainda, ao certo, ao torque
da chave na ignição, se ligará ou não.

mecanophrenya

componente zero

*Fazer com que a palavra frouxa
ao corpo de sua coisa adira:
fundi-la em coisa, espessa, sólida,
capaz de chocar com a contígua.*

*Não deixar que saliente fale:
sim, obrigá-la à disciplina
de proferir a fala anônima,
comum a todas de uma linha.*

João Cabral de Melo Neto

isto! eis o simples e mínimo mecanismo do signo. uma egrégora emersa agrega seus grânulos nanométricos. suas súbitas operações difusas, sobretudo algumas dúbias, nunca o estagnam, ao contrário, mais durável, o trabalho no caos o perpetua. que aparência teria esse aparelho? cubo? cilindro? (interno: é o componente zero) que altura e largura o agrupam? qual medida o define, se avessa à ciência da própria microscopia? se invisível silhueta a olho nu, porque impossível e tímido seu perfil finíssimo; seu centro e nervos, se cegos, porque segredam, não como o aparato solitário, velho e nostálgico da palavra *anacronismo*, acionando nos tímpanos do ouvinte ruídos de desgaste, ácidos corrosivos, mas outra, futura, um *gizmo*, única miniatura cujo minucioso funcionar fosse indispensável à linguagem, tão misterioso quanto necessário.

1/uma lâmpada

*Luz não se vê tão límpida
quanto, inundando a casa,
aquela que extravasa
fugaz de qualquer lâmpada
que, de repente, exalte-
-se e atinja, por um átimo,
à beira do blecaute
mais último, seu ótimo.*

Nelson Ascher

é velha a luz da lâmpada elétrica: há um filete d'elipses espiraladas, lacrado a vácuo sob tão fina campânula de vidro, cujo relume luta pela decifração da sombra, das bordas do amplo salão nublado aos recônditos e dobras do cômodo noturno. é uma vela repleta a lâmpada elétrica, estriando um crepitar constante de certa estrela irregular, que é amarela; numa extremidade da cápsula ovalada (como um figo sob a casca ou qualquer outro gomo oblongo aceso desde dentro) há uma rosca d'alumínio acoplada ao bocal, quase igual ao caule curto duma fruta, único. ao ligá-la, cintila, vaza a flama que aparenta a queima através do cristal unitário da cúpula tão delicada; entretanto quando é nula (ou cancelada) a conexão à rede de força, se esconde, escura sob a máscara frágil, sua chama dorme, some: quase se fossiliza.

2/duas válvulas

sem ao menos duas válvulas, se a montagem não as dispusesse implícitas, incrustadas às concavidades de silício — em cada bólido poligonal — o raro halo da harpa infrasonora não retiniria o fluxo elétrico que se esconde sob o cobre, técnico como um neurônio anônimo funcionalizando uma operação.

1
2

as duas válvulas da antiga tv, no circuito interno o vidro limítrofe encapsula cada uma; como nos pequenos *chips* de simples desenvoltura, há pinos limpos sob a carnadura de úteros eletrônicos, em suas trompas, duas válvulas ovulam em sincronia, pois que uma só, avulsa, é inofensiva.

1
2

2/dois discos rígidos

duplas drágeas biconvexas, de prata, muito frias, pastilhas rígidas inadvertidamente desprendidas em pleno giro (discos), de um estrondoso tambor de hidrogênio líquido;

1
2

tivessem um dos lados achatado dir-se-iam disparos automáticos estilhaços tão exatos, aos quais soma-se entretanto o fato não ser nenhuma catapulta este aparato

e jamais se suporia arriscado operá-lo ao contrário, de íntegro protocolo é o mecanismo notadamente fatigado pois desde o dia do incidente não se pôde apontar a causa, quiçá precisar se fatal o resultado de tal falta,

1
2

destas duas pequenas jóias da lógica; se o desencontro crítico no interior de um labirinto maquínico, ou defeito de fabricação, se erro humano, abrupto, ou uso abusivo: o ponto final no decurso do desgaste físico.

3/três engrenagens

*onde mói esta moagem
onde engrena esta engrenagem*

*moenda homem moagem
moagem homem moenda*

*engrenagem
gangrenagem*

Haroldo de Campos

três engrenagens se desgastam no trabalho de engatarem suas áreas: umas às outras; como uma lepra entre elas, quando o engate engasga, a escassez de óleo as engasta no encaixe; três engrenagens se desgastam no contato entre seus engates: uns contra os outros.

1
2
3

três engrenagens se desengatam do contrato entre seus encaixes: se desencontram; como uma trava entre elas, nos contatos em que engatam seus encaixes, subtraem-se às várias outras partes da clara maquinaria; rara cada uma das peças, a caixa nada original.

1
2
3

três engrenagens se desgastam até que parem de engatar suas áreas, umas às outras: se desencaixam, se desengatam, se são desastre, é para que inertes encontrem não o da máquina clássica mas este outro trabalho, anti-horário, álbi para nada: mero hábito celibatário.

1
2
3

4/quatro motores

*O todo sem parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo*

Gregório de Matos

o tranco de quatro motores de arranque entrando em trabalho de marcha; o tanque da gasolina, combustão sob as turbinas, os tambores de rotação do eixo, e mexendo a corrente rente ao eixo seguinte ainda a outro avança, em exigência sucessiva; os quatro igualados em ciclo, ligados, sem exceção a resistência das amarras;

1
2
3
4

uma só percinta os une ao único
sistema de potências, anelados sob
delgada argola que os contém e
amarrados os quatro, cada qual pelo
lado, à alta correria das correias; o
ronco gratuito dos reatores graúdos
declara a regulagem da descarga;
os quatro agrupados, e juntos,
disfarçando um a fraqueza do outro,
caso ocorra, rara, falha inexplicável;

1
2
3
4

todos quatro instalados, sem que haja um erro interno sequer que os emperre ou quebre, tanto dentro de um guindaste, quanto de um iate, obedecem, fiéis, na força exata à manutenção do empuxo reclamado; do uso bruto ao luxo aristocrático, em nada se politizaram, estes motores são apenas os escravos, são meios para um fim nas mãos do proprietário.

1
2
3
4

outrora autônomos, os quatro agora aglomeram-se em bloco um grau mais complexo que quando operavam *solo*; um truque atrelando os nomes, gêmeos quádruplos, nenhum aloca o controle mas todos integram um encontro igualitário entre motores; no enigma homocinético, se equiparam, mas a cada hora dobra o calor que os radiadores apenas adiam.

5/cinco cilindros

*Gasômetro gases cilindros silêncios:
zona de águas pardas que guarda
mansardas no escuro sem cura
em galões de gradis e sardas
ziguezagues de zinco de zanga [...]
(Há gás Hsss Hsss Hsss) [...]
se do gasômetro, para que estômago?
- no âmagô sempre zona
que guarda águas pardas: estôjo
de nojo de gases de goma.*

Mauro Gama

cinco mínimos cilindros,
inchados sob o perigo dum
líquido, desconhecido: água
trancada, óleo, um visgo,
o cloro fluido, inóspito, ou
qualquer produto químico.

1
2
3
4
5

cinco cilindros inflados, os
buchos revestidos de
chumbo, cheios de ar, de
vácuo, dióxido de carbono,
hidrogênio como recheio, ou
qualquer outro gás tóxico.

1
2
3
4
5

cinco cilindros rombudos,
invólucros, tubos lubrificos
destilando algo solúvel, ve-
neno cáustico, até letal: me-
tanol, nitro, estriquinina ou
qualquer suco sulfúrico.

1
2
3
4
5

cinco cilindros incríveis,
tão capazes de reter a extrema
pressão interna, apesar da
força brutal impressa a
cada uma das cascas, ao aço
reforçado das couraças.

1
2
3
4
5

cinco cilindros resistindo, corro-
endo contra os conteúdos de
seus dentros, aguentam ao ponto
crítico, até que rompam, em
pânico, úlceras do incêncio, sa-
botagem no parque industrial.

1
2
3
4
5

11/onze rebites

quase um parafuso, mas sem
rosca, sem fenda, sem fuso,
pontiagudo, porque colo-
cado à pancada, tão áspera e
pesada, que quase o liquefaz;

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

às vezes, pura, sua matéria é
minério; outras, de liga pobre,
na área derretida sobre o mol-
de; entretanto é reforçada a pe-
sada ferramenta que o amarra;

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

esse desce, entranhado à cha-
pa ou entrando ainda, cinzel
no alumínio, rebite que pe-
netra ereto, só serve, dizem, se
cresce até onde deve (inscreve);

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

esse é livre, largado fora do
ferro, rebite externo; cópia inócua
sobrando fora da pistola an-
tes de raptá-lo um aríete de en-
xertar a frio o metal injetável;

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

este outro, dependendo de onde
entre, sempre remenda, anexando
adendos, primeiro dentro, depois
fora, na ordem, e com agilidade,
do interior à casca, na montagem;

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

o inchaço, inerente ao eixo, o corpo
mais grosso, largo, preenche o
vácuo perfurado de um bura-
co, orifício necessário à cada parte
na fixação de outros encaixes;

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

sua massa se adensa, mais ou
menos, dependendo da pressão
exercida desde a mão, até o elo do
martelo, ou a força calibrada do
ar comprimido em outra arma;

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

estes onze rebites existem,
fixados a seco, enquanto agrega-
dos assim, tanto a superfí-
cies mais lisas, quanto àquelas
ásperas, trabalhadas à lixa;

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

onze rebites, qual soldados engajados numa única batalha, fazem asas de aeronave, ou simplesmente nivelados ao sítio planar do piso, reformam a plataforma;

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

listados onze rebites, utilizados
no trabalho deste texto, obedientes
ao projeto de uma trama retilínea,
lembra o árduo emaranhado geo-
métrico de uma teia de aranha,

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

um aramado complicado, cujas
inúmeras quadrículas gradativas
foram primeiro esquadrinha
das, do preciso teodolito à régua,
na mesa de desenho do engenheiro.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

1/ uma máquina datilográfica

algo *neogutenberg*, relíquia de uma era: *non-eletric black deck, olympia* repleta de teclas, de um écran madre-pérola o escritor a opera, o teclado um leque de letras da rara nave datilográfica; percutidos os tipos sobre a tinta da fita, sangram cronometrando no âmbito branco e virginal de uma página ainda crua o estupor das mais ecléticas palavras criadas em tempo-real sobre o perímetro de papel desta escritura recentemente começada; mecânica sua magia de escrever com letras crespas, sem cosméticos, decepar arestas e réstias, recriar equilibradas as linhas retas das frases, sem que defasem, sem permitir restos para fora do texto impresso; quando a dupla bobina da fita emparelhando o alfabeto atravessado contra a área paginada de impressões possíveis é cítara d'escrita essa máquina refinada, o próprio animal em extinção de sua antiga datilografia, finíssima; quando uma mola realoca o carro para caixa alta, outra tecla o realoca baixo, fácil, agora bicho domesticado de fita bicolor, o rabo é a alavanca que o trava e há que acariciá-lo pelo lado para fazer correr o arco da direita para esquerda, e daí para o centro, no alvo.

alameda da indústria

*[...] o operário no forno/ o ferro no entalho
no trilho de ferro/ o operário no torno/ a viga de aço
o encaixe do dente/ as fagulhas do fogo/ o elo corrente*

Mário Chamie

*são altas fábricas de prata [...]
poemas são
fabricações violentas.*

Álvaro Mendes

c4s4 d4s má9uin4s

*o rico maçarico vomita espadas de fogo.
Delira sua ira interna sua caça persegue
se crispa e inverso o sol da traquéia jorra:
a solda se abre em chispas se entrega e
unifica vertebras de aço aço enfim
tôrres e tórax de aço [...] bruxas de chumbo
e relâmpagos brotam em carreira
do âmago das caldeiras*

Mauro Gama

*p4rque arcaico d3 operários,
fábr1ca de resultados rápido5;
um 0b5curo clarão, clandestino,
a lu4 pela clarabóia do galpão;
do trabalho acre, artifici4lidade.*

c4s4 d4s má9uin4s

1. as palhetas dianteiras de uma máquina pequena, outrora enorme, as hélices do exaustor contra a asfixia; suas aletas de centrifugação carregam o tráfego de um gás, antes da estagnação; o ruído gratuito denuncia a graxa escassa: caixa-clássica, lacrada; a carapaça aparafusada aos ímãs de um dínamo interno, mínimo, imperceptível; um relógio de vozes marcando zero-hora: é o apito que soa o último aviso do dia, sino, alarme do fim da jornada;

2. maior que a anterior, pujante, é essa máquina de usina, quase sozinha entre o alarido descontrolado das buzinas, atravessada pela perfumaria de um óleo negro queimando; sua veste é mais sutil apesar da vantagem dimensional, do *design* menos ultrapassado, nem crítica a troca de uma porca rompida a frio, em equivalência, pela sobressalente; as duas máquinas que restam, essas sim, sedentas, sob necessidade de lubrificantes muito mais eficazes;

c4s4 d4s má9uin4s

3. agora a operatriz dos detritos, refratária à produção, tritura lenta outras trezentas operatrizes obsoletas: mecânica-*macunaímanizada*, o metal fundido sob o hálito defumado deste palácio emperrado trará ainda acréscimos de aço, cromados; a gigantesca lesma destra deglute as vísceras de caixas escondidas, a ferrugem por dentro das engrenagens degredadas, bem abaixo da superfície dos chassis assimilados pela maquiagem geral;

c4s4 d4s má9uin4s

4. na ampla sala laica da fábrica, autômatos se somam na linha de montagem aos últimos funcionários com rosto, seus nervos contaminados pelo metal pesado exalam mau odor em face a queimação, como a de enxofre no esôfago, o curto-circuito do intestino eletro-técnico; o ritmo surdo mas destrutivo, dos interstícios deste relicário da maquinaria indeferida pela indústria fria da própria ira: pátios inteiros de todo diâmetro deteriorado: auto-forno largado, jogado fora.

c4s4 d4s má9uin4s

*tod0s os m3canismos servis, entre es5es
exibindo eficiênc1a às avess4s: assín-
cronos, p4líndromos, contrár1os,
limitados ao az4r de funcionar3m
ao revés, inv3r5os, de trás pra frent3.*

módulo inaugural

não do módulo o objeto indesejado, ou qualquer coisa desligada, jogada fora do todo, mas o próprio bloco lógico, modelo da unidade com a qual constrói-se o jogo de todas as coisas dispostas sob a face topológica deste globo; o tijolo sólido, o gomo, o glóbulo, daqueles óbvios, moldes por sobre os quais as coisas ganham contorno, a vida encontra saídas, para que partes indivisíveis, ainda que divididas (os cromossomos? os átomos? as formigas?), na prática, se organizem; há pedras retas, geométricas, ainda que imperfeitas, dentro dos prédios velhos, há ferros, nos novos, aço e concreto armado, enxertos de extrato exato, módulos clássicos, amarrando contra o caos de todo fluxo inconstante, que precisa ser detido, para que algo subsista, além do sinistro abismo, limbo dos raptos movediços; assim nascido o rigoroso encontro dos ângulos, quina de imã com quina, frio contra o fio do contato, face ante face, atraídas, e duas paredes macias e adicionais fazem da nova caixa fixada — a casa? a fábrica? — uma estrutura maciça e tudo inaugura ao redor, crescem cidades, engrenagens, sociedade, de blocos, módulos lógicos, de pêndulos, ampulhetas, seus grânulos instantâneos contra o envoltório dos relógios, pois nos extremos da tal batalha fundamental (contra o tempo), se de um lado perduram os módulos da matéria já fragilizados, de outro *cronos*, esfarela, desagrega, destrói desde agora, no prédio do cérebro os módulos mesmos da memória interna.

neon: do frabrico ao uso

*Mas a luz não tem dois lados,
Ao contrário de uma palavra, qualquer uma,
Que poderá ser utilizada na pornografia ou
No supermercado. A luz
É grossa no centro e não existe lateralmente.*

Gonçalo M. Tavares

quem poderia supor a estranheza de um gás aceso, que, para exercer seu fascínio, e revelar o mais concêntrico dos segredos, houve quem conseguisse confiná-lo à vácuo, em estreitas serpentinas de vidro fino, só obtidas de um sopro controlado sobre um fogaréu típico de maçarico, todas formas moles, antes que lhes derretesse o sólido molde, e para flagrar-lhe o lume gasoso sob o fulgor do argônio tido como inofensivo, bastasse atravessá-lo ainda, com ímpeto e magnetismo, a mínima fagulha física ou única chispa, lá, uma faísca fixada à indissoluta nuvem da sua coluna vertebral?

de súbito há luz habitando um tubo (ou no casulo)
onde é insone o neônio! eis o rito contraditório
de tão espessa cintilação, só contida às expensas
da mais fina vitrina, dos parênteses da tripa vítrea,
colorida, cujo conteúdo é clarão contínuo e vivo,
câmara de tortura abrigando o animal luminescente,
eskorregadia enguia elétrica nadando na obscuridade
de um aquário profundo, entretanto curto, enquanto
há como causar-lhe sem escrúpulos (para renová-lo:
fogo-fátuo) a quase asfixia com vapor de mercúrio.

caso lhe emprestem alguma figura, curvas de letras ou grafias inteiriças são acrescentadas à brancura dessa queimadura iluminada pela própria cicatriz; muito embora fria, sua luz pisca, vacila pela via, ofusca vistas (letreiros zunindo o burburinho de um séquito de insetos), a ferida cujo jorro de radiação halógena quase machuca o olho, o chafariz de fótons como se oriundo do couro cabeludo d'alguma medusa abraçada a uma bobina de tesla (bruxa ou fada) numa estranha fábula sobre a eletrocussão.

mineração

repetidamente tiradas do hermético cofre-forte das épocas todas as vísceras telúricas, minuciosamente subtraídas da última furna de *urântia*; lentas e velhas escavadeiras cravaram nas trincas da crosta suas intrínsecas bocas de broca e garras de escaravelhos vermelhos, arregaçaram na raça um vasto desgaste às grandes cavidades; enquanto convulsionam séculos desta devastação, depredam ainda mais tais máquinas fantásticas, ainda cavam/ escalavram, pelas fendas e frestas da pedra fraturada, crateras expurgam escamas de lama à largura de escalas colossais, o ferro se desprende das gretas, de brechas deveras abertas, cujas placas de goma-laca, outrora tão colocadas, agora se deslocam, se descolam num estupro às membranas do subterrâneo; sangram os abismos cristalinos de todo trâmite mineral enquanto se aprofunda o dano aos órgãos internos de *gaia* (o solo desassoreado) cresce a ferida à espinha dorsal inteira do animal planetário, sua medula de sôfrego enxofre — a lava vulcânica por tutano — o frêmito febril dos venenos, sua conversa cessa (é seca), nulo o sussurro de seus discursos (úmidos) de túneis e fissuras; há hérnia no cerne dos metais; decretada a guerra às profundezas da *Terra* (o ninho de *ouroboros* se desenterra, *hades* celebra onde a metástase se alastra), rendida ao poderio hirsuto de frias perfuratrizes, assíduas, ao exército de martelos hercúleos, em decúbito, aos parasitas da lâmina petrolífera.

bitolas

largura reguladora passível de ajuste, algo de acoplagem na tão buscada compatibilidade dos calibres, que, por ocasião de um encontro entre os tubos de um oleoduto, à eficácia da blindagem análoga à do crustáceo, protege a pérola que se pretende ilesa e inacessível quando a geléia negra passa abraçada por suas chapas de carapaça (petróleo no miolo, pastoso), nas argolas cuja bitola, por pressão, progressivamente engorda, requerendo o cálculo renovado para a última das medidas, distendida, para decidir o tamanho adequado a cada segmento atracado a toda compostura aparente de uma única linha de escoamento, entretanto, qualquer encontro entre diâmetros estranhos entre si reclama as bitolas equânimes, sem as quais, nunca se ajustariam (daí o milagre da hidráulica) as mais variadas alturas, de inúmeras embocaduras, ora tão absolutas na coligação.

catálise pesada

em qualquer química limpa, de equilíbrio tranquilo, uma revolução espreita, em potência, um inimigo sujo lateja entre os componentes reconhecidos da fórmula pacífica, o reagente intruso dança, ainda oculto, no ambiente aparentemente belo do laboratório estéril;

interna, a guerra de uma reação em cadeia começa singela e lenta, bem serena, até que o catalisador grite alto entre as moléculas o nome do descontrole, infiltrando a fricção, inicialmente tímida, pelas frinchas e fraturas do composto ainda líquido;

minúsculas frações lutam entre si, aquecidas, se desajustam resistindo, peças de um irrecuperável *puzzle* em brasa, até que tudo cristalize desde as fimbrias, no início, entre limites; projeta violentas cristas contra as quais não há saída, esfria, solidifica, o único bloco de fúria, a matéria fustigada pelos centígrados pregressos; contra qualquer antídoto ou plano de contingência, transposto esse novo ataque sobre o desígnio antigo; extravasados da fase, tendo todo o ciclo concluído (os átomos sem pressa reatados), ingredientes se acalmam na prensa de uma das câmaras de catálise dessa indústria pesada;

terá sido a receita tão secreta, cifrada por séculos na maçonaria, reduzida à metodologia ignígena da petroquímica? roubada d'algum longínquo tomo da alquimia, mal interpretada em nossos dias, fazendo, ao invés, do valioso ouro perpétuo, o mero chumbo espúrio e bruto?

música de trabalho

*As máquinas que invadem a madrugada.
Suas sanhas automáticas
meio de aranhas pragmáticas
moendo os ossos dos moços-operários
gorgolejando seu sangue e seus azares.
Escutá-las na imunda persistência
com suas zangas de engrenagem*

Mauro Gama

nem sempre é terrível a música orquestrada das máquinas pesadas, sobretudo se ágil e sincopado o ritmo de todos os motores a diesel enquanto deslizam. vez por outra um solo monocórdico sobressai à percussão dos pistões, monólogo descontraído sobre coro de vozes intercambiáveis.

nem sempre é triste mas trinca naquela liga entre o aço mais elástico e o arrasto do ferro incrustado de ferrugem rubra, engrenagem por engrenagem, até o trêmulo epicentro dessa gangrena fabril. nem sempre se repetem, nas forjas, tantas outras dessas órbitas ruidosas,

enquanto dura a jornada diurna, um barulhário mas fora das fábricas, talvez o sono do operário solitário o reconstrua quase à integralidade, invadindo os tímpanos, sincopando, o *ritornello* reclamado *ad eternum*, um dentre tantos outros pesadelos: o augúrio do contrato de trabalho. nem sempre é gratuitamente lúgubre, ou longa,

a música regulatória da vida útil (nula, reclusa) dos metalúrgicos na indústria, símiles a refis vazios, ou quaisquer outros receptáculos deflagrados, quando entregam dedo à fresa, vinagre o sangue acre, tétano ou qualquer febre, fusíveis sem brio ou viço, descartados, pinos que por dispensáveis: necessário substituí-los.

rouparia

à minha mãe

não é agulha autônoma que costura, o pesponto pronto, que guia a quilha regulando o recorte, os nós sob controle, as curvas seguindo o molde; não é uma agulha anônima que cria roupa ou fia colcha, garajau, constrói rápido o vestuário ao toque do overloque, farda forte de soldado, ou pobre uniforme de empregado, frágil, de tecido mole; é rápida a agulha e não vacila nunca porque há ali (abaixo na hierarquia da franquia) sua máquina, que não a ignora, que range decibéis em excesso; agulha que é aço e não erra porque há lá (acima na hierarquia da vida) a mão hábil e calada que costura, o dia-a-dia, puxa pano, o pé no pedal, no ritmo controlado o trilho que se equilibra na dura rotina da rouparia; vence, não cede; treme e não perde a peça; avança apesar do cansaço, tece; sente o péssimo exemplo sempre, lamenta o escasso salário necessário, o abuso dos trabalhos; a força das costureiras, abelhas trabalhadeiras, é força de pelotão lento, exército sem sargentos: são senhoras, estes tristes aríetes em riste.

tipografia

variadas as máquinas da gráfica gravando palavras à força, algumas grafadas à faca, a máscara da fala, capturada; tipo por tipo, a aparição inerente a cada caractere garfado do alfabeto, letra por letra — a preservação da trema, da crase, a interferência da serifa — até que, ágeis, cada uma das frases ache sua respectiva página, a mancha tipográfica, o disfarce. as prensas são densas, máquinas obesas, impossível arremessá-las, tamanhas estas funcionárias, que nada é tão grande que as atravanque; apenas armam parágrafos e letras impressas às pressas, de um jornal, de um almanaque àquela exigida tiragem, desafiadoramente avantajada, panfleto de sindicato, as palavras atraídas às fibras do livro, aviso demissionário; espécie de cirurgia pintar celulose, em série, nada se extirpa, ao contrário, acresce; variam a cura e o corte alterada a gramatura: o papel que entrara alvo será devolvido escrito, enegrecido; o bisturi, de tinta; o texto é o implante. há ainda a guilhotina onde roda um sistema de molas, que corretamente alojadas, sob os olhos do tipógrafo, sob seus cálculos, recolhe as folhas na hora, solta cada borda em ordem, as recorta, debulha sobras e aparas, as cópias erradas, mal dobradas ou sem retorno não serão jogadas fora, mas recicladas; quase máquinas agrícolas: seu único plantio é o da mecanografia.

cosmogonia sonora da indústria

são trompas de foguete incendiando o expediente o som do reator. reproduzir sua sucessão de estrondos dos mais indômitos, o imbróglio por sobre o qual se arvora sua trilha sonora, exigiria o colossal esforço sinfônico, uma orquestra montada com instrumentos de sucatas monumentais, a tuba da mais absurda largura, um quilômetro de carrilhão de sinos, o tímpano no tamanho de um comboio ferroviário; na hierarquia de tal regência irreal, emprestada da mitologia, *thor*, o deus da solda, o mais sério funcionário de *hefestos*, ferreiro épico do núcleo terrestre e chefe da metalurgia telúrica; manejam centelhas nas fornalhas da caldeira do planeta, liberando, pouco a pouco, o combustível que sustém, prisioneiro, um incêndio de milênios; *hermes* ou *mercúrio* (patrono da indústria) trabalha bem atrás, último na tuba; um nos tímpanos, outro nos sinos, e todos na funilaria de uma poderosa conjunção de metais; de suas fidalguias de sangue e trovões escorrem folhas de flandres; e o som do reator tem o peso ensurdecador deste enérgico conjunto de martelos.

dormitórios

I. sono profundo

*no sono o dono do corpo some numa
ausência isenta, só a medula assume a
consciência, não obstante, a mente
inconsciente sente, enquanto transcorre
uma controlada simulação da morte*

quando uma máquina pára, morre (mas essa morte não é absolutamente sólida), o turno só exaure (se exato) após cumprida à risca a lista de uma profilaxia programada (o óleo, o *freon*, as baterias), e há que se desestressar as peças térmicas (porque esteve presa pela dianteira a um transe obsessivo que por pouco não rompeu-se a parte interna, o ritmo, o rim, o intestino), desobstruir as vias frias, vedar desvios no envio, excretar os óleos velhos para, então, num silvo regressivo, num único zumbido, silenciar tudo; agora jaz a fábrica desligada, em *stand by*, livre da atividade compulsória, muito embora o equipamento adormecido apenas aguarde a hora exata: um clique um tique um *bip* um chispar interno crispa disparando algo de alarme, até que o *timer* reative à vigília exigida todos os modos seguros da operação esperada; transposta essa morte, portátil a dormência mecânica, a máquina, ressurrecta, pisca grita liga trinca, entregue a seu propósito terreno, até que outra morte maior, essa bem espessa (perpétua) e lenta venha alcançá-la quando tornar-se-á (sem sobressalentes equivalentes) absolutamente obsoleta; até lá, há esse parque parado, do qual fazem parte tantas máquinas calmas, o pátio de almas artificiais no sono, lembra um dormitório de orfanato o amontoado dos simples beliches: a letargia coletiva na alta madrugada inabitada da fábrica.

dormitórios

II. sonho acordado

*por que a fábrica aguarda com descaso o
sono do operário, recolhido à sua casa, à sua
cama, em companhia da família, e ao
contrário, o operário, ansioso, espera a hora
do seu próprio prazer ocioso, seu sono tenso*

para a classe assalariada a noite não dura, haverá para já a hora de acordar, sobretudo sob a doença humana da insônia (enquanto, alienadas, as máquinas do patrão descansam, na calada) à sanha preocupando o sonho, é um fiapo laço, trapo frágil o péssimo sono, senão tragicômico, do assalariado. entretanto, há quase sempre vívido esse devaneio recorrente (um sonho acordado? ou simplesmente recordadas as palavras de ordem “greve! greve!” ouvidas aos gritos na reunião do sindicato?), nele o ingrato patrão destronado, guilhotinado em praça pública, destituído da vida e do reino milionário, à morte tão incrível só o assassinato encomendado que vingasse o crime diariamente declarado na carteira de trabalho, o horário, a ira habitual contra o mau salário; a guilhotina é uma máquina antiga, e há uma beleza limpa, mais antiga ainda, em seu procedimento sábio, porque cada revolução bem sucedida exigiu a morte do rei (obrigatório o sacrifício do rico, um risco deixá-lo vivo), nesse rodízio imoral, degolado o conglomerado, eliminar o patronato é ação necessária ao poder renovado, que ao trocar de mão, deveria trocar de chão, mas não; leões ainda rugem na arena financeira, briga de cínicas aves de rapina, cotando quem continua no páreo e quem, ao contrário, será sumariamente cortado da bolsa de valores mobiliários.

século XX

ao meu pai

esta é a casa das facas, a usina dos mais tímidos cilindros, a maternidade das armas pesadas, o derradeiro esconderijo outrora tido como indestrutível; só aço derretido corre nestas longas veias angulosas, à prova de corrosivos, só aço circula nas suas artérias gris, só ácido sua bruta barriga abriga, único bujão interno, e ronca seu o estômago terreno cujas válvulas, avulsas, regulam matéria-prima, entropia e lucro; planeja lâminas tão aplainadas, agulhas tão corretas e absurdamente pontiagudas, saem trilhos de locomotiva de dentro da vesícula, rústicas estruturas (nuas e cruas), que suam às mais altas temperaturas, submetendo à linha de montagem dos intestinos, o nascedouro dos mais novos aparelhos inúteis (testados, aprovados, as pilhas não-inclusas);

nunca cerra suas cerdas, nunca cessam as mandíbulas abertas, reciclando quilômetros de detritos, enquanto serras deglutem léguas de rebutalhos metálicos; a fábrica grita, retine uma sinfonia de sinos tubulares e enquanto trabalha sob a valsa dos gemidos dessa orgia metalúrgica, a fábrica engasga, dá gargalhadas, se orgulha da produção, aguarda o lucro com a mesma "alegria" recolhida por sobre a qual exerce sua avareza pretensamente serena; sua garganta tem fome dos sumos ambientais que consome, sua ganância exige milhões, e não aguentaria aguardar mais, para agarrar as infinitas libras de tantas cifras; entretanto, refém do próprio envelhecimento compulsório, cadavez mais lenta agora (lesma), sem óleo, sem glória, sem graxa

inflamam suas glândulas secretas (exalam cheiro que lembra borracha queimada) a contaminar o mundo com pútridas pústulas de urina e enxofre; moribunda, sua última dança é estúpida; assim que se revela, súbita a lepra, uma história pregressa da mais absurda barbárie, de atos viciados dos quais escondeu, por séculos de indústria, cuidadosamente os rastros (cadáveres no armário), seus raptos, impunes assassinatos, seus vícios imunes ao escrutínio da justiça, até agora: eis a farsa televisionada, a fábrica, sexagenária, no banco dos réus, declara-se culpada, e somos todos juízes iguais, de maquiagem grave, pesada a teatralidade, brilhando à luz da ribalta, gárgulas satisfeitos (e enganados) no palco do espetáculo.

Urbi et Orbitron

*Não há sistemas morais que resistam
ao egoísmo da cidade. Cada um foge em direcção
ao que ama. Isto é: em direcção ao que é
capaz de o fazer matar.*

Gonçalo M. Tavares

*Uma parede, uma hélice, um vidro de janela
querem sair por minha boca.
Um carro acelerado, um pedaço de mar, um fuzil.
Sob o testemunho pânico de alguns,
uma desordem no corpo e nas coisas,
uma fronteira desguarnecida entre a pessoa e a cidade.*

Alberto Pucheu

pedra fundamental

*Uma noite encontrei uma pedra
oh pedra pedra!
verde ou azul, de lado, como se estivesse morta.
[...] Vi que havia em mim um pensamento
inocente, uma pedra
quando se entra na noite pelo lado onde
há menos gente.
Ou era um sino de um futuro
maior silêncio, tão
grande silêncio para se abrigar só em gestos.*

Herberto Helder

não da pedra à perda: calcário e areia.
nem pedra cuja área se perca ou retraia.
não é a pedra de água: o frágil gelo que
valha. não é de pedra pequena que algum
alpendre prenda. nem essa pedra que
quebre: granito podre e breve. não é
a pedra que parta ao peso que antepare.
nem a pedra de ventre onde algum fruto
arrebente. mas a pedra de ser pedra
sendo-a simplesmente, pedra que não
desprenda de sê-la possível sempre.
pedra tão imprópria ao olho que imagem
não recolha por ser tanto nela mesma
o bloco que lhe é comum. tanto deserta
a pedra que destino algum destrua um
poder seu de ser pedra que de nada mais
dependa. pedra densa, perene, serena a
forma que tenha a límpida geometria dessa
área impenetrável. pedra tanto repleta de ser
pedra sendo-a sempre que não haja
idéia sequear para algo que não a seja.
pedra bruta, sombrosa, que não tendo
dentro ou fora sendo o centro que é inteira
a sua matéria severa. pedra sem erosão,
que, inerte, por quantos séculos penetre,
permaneça tão completa bem como descomunal.

outra pedra fundamental

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Carlos Drummond de Andrade

não da pedra ao grão, a rápida gangrena da partícula calcária, nem a pedra cuja perda retraia sua própria área, sequer areia de ampulheta, lenta: mero farelo transitório. não é a pedra de barro: úmida, dúbia, involuntária. mas a pedra, ao contrário, peremptória, clara, sólida. não é de pedra quebrável que alguma pressão rebentasse, mas da pedra a supremacia de sê-la perpétua e integral. pedra essa de ser pedra simplesmente sendo-a, pedra que não depreenda de nada sê-la outra coisa, a não ser ela, nela, severa e irreversível. eis a pedra eternamente imprópria ao globo ocular dos homens que imagem não escolham por ser tanto nela própria um único monolito incólume. pedra isenta, indiferente, que tempo algum a destrua, nenhum fóssil a habite, pedra sempre sem ventre nem fenda, sem centro (ou dentro). pedra perenal, sem origem, sem exigência pretérita, e nem mesmo por isso inédita ou preterida, apenas a existência presente a desenha exatamente represada à geometria cristalina de sua matéria irrefutável. base de pirâmide, pedra de catedral que, liberada (mesmo sem prender-se a nada, está, entretanto, arrematada), erigiria já sem presumir recompensa, qualquer abside colossal, único símbolo pétreo, tremendo, de sua absoluta deferência.

pedraria

*O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas [...]
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce*

João Higinio Filho
(para o *Chico Science*)

há uma fábrica abstrata fincando os pilares da ponte, milhares de lajes improváveis cuja vantagem equilibra sobre arcos alargados, seus arranha-céus em processo; há a briga física, que se acirra, agressiva, entre betoneiras e bate-estacas, guindastes elevatórios, monstros dobrando a rígida matéria redistribuída; fabricam concreto, vigas, cimento, sovados às toneladas sobre os feixes de vergalhões; escorado à cavidade das fundações, cada canteiro de obras é uma arena cavada, cujo ringue expandido abre clareiras na área extrapolada do centro da metrópole; desde o desenho do arquiteto na prancheta, o engenheiro encomenda o trabalho de outrem, do mestre de obras o áspero trato com seu tropel de pedreiros, homens repetindo os mesmos trajes, só completados pelos itens de alpinista da qual depende sua sobrevivência de operários hábeis, e trepados aos montes (soerguendo torres) entre os andaimes apoiados a cariátides, fazem germinar um prédio desde as tripas às vidraças cujo reluzir das faces lisas inauguram espelhos gigantes de tantos andares, oferecidos à vaidade da cidade; na marmita da refeição um bife frio, ovo frito, rifles de apetite e a atingem; a argamassa é rala ainda, há mãos humanas antes de empredrá-la à poeira branca, misturando outras químicas ao barro tecnológico.

jardins

(mendigo)

tendo consigo um inventário pobre, de apetrechos e algumas latas achadas no lixo, observava a vã movimentação humana; quem se aproximasse dele, como por descuido, quase tropeçando à repentina apreensão da imagem de um velho mendigo de cara vincada, talvez custasse a notar que, entre a sujeira do chão e a plataforma pênsil de uma cadeira de praia rasgada, era um artesão absorto, tão somente entregue à sobriedade da própria artesanía, abandonado (ou esquecido) no seio frio da cidade, passasse fome ou sede, tivesse vindo de longe, um nordestino perdido da família, se alimentava apenas de tal estética inédita, plantava e colhia flores das latas que dobrava por entre as gretas da calçada; das pétalas de alumínio, que laminava com precárias ferramentas, adaptadas de garfos e facas, vinham vivos mosaicos coloridos, lindos: fragmentos dos rótulos de refrigerante, querosene, criolina e azeite virgem.

jardins

(2 flores)

o anúncio de nuvens translúcidas a denuncia, o céu necessário à carnação do azul (inunda); crua sua nervura ainda que diminuta; a flor exulta exalta enalta exorta; em que parte do planeta, em que parcela do dia alguém poderia encontra-lo bruto, em estado inalterado, se porventura abrupto, brotado do susto, do surto? em qual parte da tarde jaz o inútil e súbito azul, como na idéia do azul *a la mondrian*, pura, lúcida, o índigo ideal? como subsiste um azul último, e ainda flutua? encontrá-lo-ia ali, minúsculo, incrível, na anônima flor plantada entre prédios, escapista, pequena jóia do azeviche de *yves klein*, um dervixe o turvo nenúfar em única dança absoluta: e um *azul* e um *azul* como nunca!

cresce do refugo sujo a magra árvore posicionada no entroncamento arbitrário de muitas ruas absurdas, da ponta de seu galho mais esquelético e arqueado uma única e pequena flor rubra debuta, entre o roxo e o fúcsia, tão lúgubre e fosca, pendendo do fraco arbúsculo atrofiado, instalado na bifurcação, ninguém a vê, afinal quem a perceberia, murcha, como que por trágico acidente no aço dobrado desta esquina, tão somente um lírio triste debruçado sob a pilha de lixo, que se acumulou sobre as próprias raízes, encapsuladas pelo concreto da calçada?

cidade

*Explico uma cidade quando as luzes evoluem.
[...] através de brilhos interiores [...]
Cidades são janelas em brasa com cortinas
puras [...] Quartos. Jarras.
E por dentro de tudo a morte e a loucura.
[...] Cidades são aposentos fixos [...]
que se envolvem de ecos e em cuja
solidão extraordinária
as mulheres batem seus dedos cândidos.*

Herberto Helder

é a metrópole essa crisálida precária de concreto/
o dragão atropelado entre os lírios e aneurismas
da indústria/ os incríveis crimes de sua construção
inauguram o futuro da pedra recriada: grandioso
mosaico, entretanto lacrado sobre o próprio formato/
urbe de síndromes/ só neon a ilumina/ impressionam
seus escudos de luz e poluição/ a cidade um animal
de aço, sibila a bile de seus esgotos, vindo à tona,
sob óxidos episódicos/ seus dias deglutem-se contra
as próprias costelas luminosas/ tardes que um outro
aço veloz apodrece/ quando anoitece, há receio sob
o céu, químicos resquícios da toxina/ galáxia infinda
de vias e avenidas, gritos na rua vizinha são como
silvos elétricos sob a vigilância de olhos sintéticos/
o mundo quase recolhido sob gigantescos quilômetros
de madrugada/ os apartamentos que restam acesos
(barricadas) são mônadas contra os sintomas do sono.

rotinas

(*claustros*)

[*antropodromo* [ou um corpo pra cada
cômodo: [a consciência das quatro paredes]
o mingau petrificado de nervos sob um
recôndito encontrado entre escombros
contraídos [*jonas* na barriga da baleia [o
mundo pelas janelas [é árduo o ato
quadrilátero dos quartos [corpos para
habitar os próprios lacres, enclausurá-los
no concreto armado [o claustro é tempo;
o lar é um hábito horário] asfixia de si
nessas celas anônimas, cubículos limpos,
condôminos com insônia [o incômodo barulho
dos vizinhos, de seus filhos, de seus
utensílios, o ruído de seus discos — a tragédia
atravessa as paredes finas dessa fixa
caverna vertical: prédio de apartamentos]

rotinas

(sala de estar)

escorrem as horas, oleaginosas, escoam todos os corpos horários pela porta da frente, todas as sutilezas asfixiosas do protocolo casual, ritmos de domingo a domingo; ora se lacra, trancada, ora se abre ao giro da chave (dobradiça, a lingueta; ao ativar da maçaneta); seu legado é através e entre, rente, como quando entra alguém a atravessa além de seu reverso, sempre; na fronteira dos cômodos, instalada não se sabe ao certo, essa já interna, se no fim de um, ou no início do outro recinto; área arregalada (óculo intermediário), o retângulo que a porta recorta, aorta no batimento cardíaco do apartamento: quase rota, incrustada à tessitura entre tijolos; válvula para regular um fluxo no espaço — o aberto e o fechado, o dentro, o fora — normatizar o quarto; a sala: para militarizá-la; além do convite à entrada, a porta ainda reivindica a saída (desde o nervo duvidoso da abertura, entre o mel do “*bem-vindo!*” e o sal do “*vá embora!*”).

rotinas

(funcionário)

enquanto sentado à cadeira
alheio à própria caveira
que de dentro da pele repele
(tenta) a máquina obscura
interna a ela, que a todos
inocula — igual a gula — as
rápidas agulhas dos segun-
dos, minutos, horas, semanas
acupuntura envelhecendo tudo:
músculos, ossos, memórias,
olhos, o relógio biológico;
óbvio o horário, sempre o ex-
pediente do único funcionário
público ainda lúcido... ..(?)

rotinas

(rendição)

nossos hábitos formuláicos,
acordar, dormir — o horário de
ir para o trabalho — de abrir o
armário; vestir-se — a vida
vista de frente, preâmbulo, sem
ângulos, sem ânimo, apenas o
sarcasmo diário, sem alarde, sem
contraste — café com açúcar; as
ruas assustam — a retina rendida
à rotina, só o cinismo insis-
tindo ainda o dia-a-dia — o
sono no ônibus lotado — só em
certa parcela da vida há vida —
terrível díizimo — uma ilha
vitimada nessa ciranda servil.

rotinas

(cativo)

como servo, serve; como vive,
sorve; mero serviçal sem
absolvição, e sempre insone
à sombra do dono, que há de
alimentá-lo, qual um cão
desossado ou, qualquer, um
detalhe desagradável, ei-lo
anônimo esse móbile de nervos,
de ossos, que o é por si ou o
que talvez pudesse ser, se não
fosse só, a sós, esse ossário
frágil, mais outro escravo,
sem limo, sem sumo, sem caldo,
só o triste bagaço ressecado,
um astro escasso, mas tão magro
e gasto, quanto inadaptado
ao trabalho, diário e árduo,
à rotina mortal do horário.

rotinas

(*motim*)

"às ordens, hei-me!", "às ordens, hei-me!", ó rei errado! que cansei de estar calado aos despautérios do patrão! contra as egrégoras brutais de um emprego, negro, gangrênico: ergo-me! contra as regras cegas desse presente de grego, ergo-me! contra o determinado tédio inédito, sem término, sem trégua, numa guerra contra o dono dessa redoma total cujo domínio sombrio mina em mim o dom de homem, ergo-me! entretanto um nome sempre me reencontra: o meu, tornado mero número no ministério, registro na carteira de trabalho, um álibi, "*eis-me!*", um pobre anônimo, rasgado, desgraçado, mas inexplicavelmente grato pela câmara de gás, lacrada, a que chamamos *Brasil*.

rotinas

(repartição)

os rituais estóicos do escritório, entre móveis sólidos, ásperos e numerosos módulos, e os funcionários, do rh ou contas a pagar, "boa tarde", "volte sempre", as tantas cobranças que o patrão reclama, avulsas, ouvindo a secretária soluçar, aplicada às duplicatas, enquanto convulsionam os números (necessário é discá-los todos), o monstro é um patrão eletrônico, ao invés de mãos, há troncos telefônicos; inaptos, se matando aos poucos estes homens que trabalham: um por um, inúteis, caminham na calma ao recinto sanitário, tomam pílulas diante dos próprios rostos, projetados no mictório, findam em suicídios tão limpos quanto burocráticos; as máquinas permanecem a sós, sem ócio nem laços, sem tempo, apenas relógios, sem sonho ou delírio, apenas atrapalham, repetindo os mesmos sinos; apenas trabalham, trabalham: com ódio.

guerra civil

(zona norte)

*a pesca escassa, o rio poluído, a cotação do dracma
um heraclítico engenho rege o mundo das máquinas*

Marcus Fabiano Gonçalves

mosaico cubista de arcos retalhados, espinhaços e vergalhões além do concreto, vidro e tijolos à mostra e telhados queimados envelhecendo à superfície da árida paisagem de equilíbrio precário, pátios bordados de cimento e tintas tristes em tantos matizes, desbotando sob o sol: eis a imagem quase inacreditável que os olhos recolhem, do observatório no bairro alto sobre o morro do rebouças, a orientação para o norte, enquanto o macaranã em seu tamanho tanto é uma boca banguela, aberta entre favelas (o palco definitivo para a ópera da bola, donde as torcidas inimigas entoariam em coro a ode torta à zona norte, clamando tão improvável a trégua na guerra do futebol), a geometria indócil de ordens amontoadas no caos ujo símbolo máximo é o de uma caçamba de lixo esquecida numa esquina, o labirinto construído de pedras evoluídas (*a la Chico Science* noutra metrópole à beira de um capibaribe cabralino) mas aqui quase todo rio corre enjaulado, são artérias de água sufocada nos lentos jorros entre esgotos de tubulações, que de mal anexadas, transbordam cancro pestilento, pus, enxofre, último lodo sulfuroso manchando o asfalto craquelado pela carga ingrata do tráfego rodoviário.

guerra civil

(zona sul)

malha atravessada por vergalhões às bordas do atlântico, onde a navalha do oceano, quase cativo à cela da baía, crava no chão da guanabara, junto à calçada da praia, sua trágica arcada de ondas blindadas; nascem alagados palácios náufragos nos bairros à beira-mar, às águas da memória dos encalhes; entre prédios, sobre as estrias dúbias dessa urbe semi-deteriorada e suja, surgem bulbos lúbricos, que proliferam como cogumelos, desgastando-se à erosão do sal que sopra sua navalha cega sobre o ferro e furiosamente ataca-lhe a alma, tão faminta quanto um animal carnívoro; crescem outros pequenos estratos precários entre os mínimos interstícios de milimétricos sítios tristes, labirintos de lixo e detritos; a carcaça da cidade se desentranha às claras, da sua rígida epiderme de pedra e concreto, revela suas espinhas carcomidas, o esgoto à mostra, a maresia decompondo tudo, cadáver adiado da cidade, sua putrefação avançada: esta é a metrópole distópica, todo o resto é ilusão-"zona sul", é cegueira social maquiando severamente a carestia: na passarela uma socialite falida, mas colunável ainda, passeando entre o mar e a favela com seu *poodle* de *pedigree*.

guerra civil

(*periferia*)

longo amontoado erguido às sobras da prolixa construção de um bairro rico (que por abastecido, esbanja e desperdiça); há certa fúria rarefeita a que se refere, materialmente ferida desde o arcabouço, a periferia: planisfério recluso no exílio em sítios exíguos, o rústico urbanismo dos asilos, arquipélagos de casas magras, os logradouros malogrados, o mofo de salas descascadas, de alas desoladas; é amarga a tamanha falta d'água sob telhados de taipa, destampados, entre velhas e destrambelhadas telhas, entre retalhados rebutalhos bolorentos; ali, mesmo debilitada, a luz é luxo, o gás engasga (desgasta sem resgate), na última vila o mato alto avança sobre algum asfalto; a violência alicia nestas cidadelas de saneamento a céu aberto (é único recurso), e há chacinas diurnas, assíduas, nesse subúrbio absurdo.

guerra civil

(itinerário)

o tanque adaptado, de frágil blindagem sob a carroceria escoriada: o ônibus uma cápsula de metal cariado atravessando os espaços conflagrados de uma nova constantinopla; entre uma ou outra zona metropolitana de fronteira há estampidos longínquos, outros muito próximos, de armas ou granadas explodindo, em áreas de instabilidade social e política inoperante, sob o risco do fogo cruzado, noutro destes espetáculos com traçantes riscando o céu incendiado por comandos rivais; a elasticidade dos estilhaços destinados alcança tamanha distância (errâncias com consequências estranhas: rombos no topo do crânio, em ângulos de trajetória inglória, a femural rompida, perna ferida por bala perdida) certo o projétil urgente, que tendo rumado à esmo, atinge um bebê no berço, senhora voltando pra casa, da feira após a féria do esposo, criança saindo da escola; há muito poucos sob escolta; são poucos os que "escolhem" estar à frente neste front; o restante espera calado a hora de anular o voto, de quebrar a cara do patrão, saquear de um caminhão capotado, gás ou aves descongeladas, roubar nos supermercados os produtos menos caros, mas necessários, de estar sob a mira de um fuzil da polícia, de incendiar o ônibus: esta mesma cápsula de aço escoriado, que, transportando tão magoada carga ("viva"), atravessa a cidade recortada em zonas de guerrilha, à beira do colapso social no país, à primeira década após o ano gregoriano de 2001 (dois mil e um).

guerra civil

(revólver)

*O ferro é a alegria do ódio,
mas cada estilhaço de metal
não se lava com o mesmo entusiasmo
com que se lava um filho*

Gonçalo M. Tavares

agora o corpo onde se planejou inaugurar um crime novo é o alvo que a mira averigua e que não livra do agoiro logrado outrora às juras injurídicas da tal perfídia fixada; para que a fúria fira (física): o furo; para que a ira flua e fure: o ferro; para que o ferro devore, irrevogável: um único disparo; para o projétil varado, operá-lo: a pólvora exata encapsulada à bala; para a pólvora uma válvula que a deflagre: a terrível alternativa do gatilho; espúrio o disparo que a arma pariu, sob o ato venéreo do adultério, o morto é aparo onde parou a espora, deparada com o largo estrago causado, ao furor diáfano que o tempero da pólvora queimada aflora no faro; o marido traído, a mulher infiel, filho, filha, o futuro inteiro da família feito prisioneiro numa ilha de íntimo desespero: o cadáver sequer esfria, ainda caído no ardil da armadilha.

guerra civil

(duelo)

*este
halo:
escritor medirá
palavras
capitão mediria
chumbo
antes de cruzar*

Álvaro Mendes

estala o metal das espadas; busca nas vísceras d'outro o zinabre da prata; o plexo solar do adversário: atravessá-lo; o que espera o aço alado das pistolas (ferrões aéreos, *dum-dum* de pontas rombudas) é penetrar os nervos, entranhas adentro (endêmicos) pelo intermédio da perfuratriz e do projétil, ou dos violentos floretes desembainhados no confronto, aflorados à química odiosa entre inimigos, vil, entre famílias: a guerra quase religiosa dos cavaleiros d'esgrima (onde lâminas belicosas se regozijam) ao regresso de uma guerra repetida, desde o passado dos sabres até agora na esquina ao som dos disparos da polícia; o saldo: cadáver, 4quatro baleados, sargento em estado grave.

guerra civil

(cárceres)

*venha a nós o vosso treino
e seja feita a vossa vontade
aqui na guerra
como entre os réus*

*o pão nosso de cada dia
roubai hoje
e perdoai a nossa imprensa
assim como perdoamos
as migalhas que nos têm oferecido,
não nos deixeis cair na transação
mas livrai-nos do sistema penal,
amém.*

Marcus Fabiano Gonçalves

[masmorra sob a torre/ labirinto prisional/ fábrica de
carnagem à superlotação carcerária/ no presídio número
zero um exército de homens interditados/ cada qual no
exílio abissal do próprio nome/ acorrentado à epiderme
condenada/ vive-se entre quatro paredes/ sempre/ as bar-
ras de ferro no quadrado da janela/ contra as grades da
frente/ vive-se entre/ há corrosão à sombra/ há o mofo
e a ferrugem dos gradis como engrenagens dentadas/ que
mastigam mil cubículos/ subterrâneo de cubos de rubik
abrigoando degredados/ sempre às centenas/ é dentro/
sempre nessa úmida mansão de jaulas geminadas/ os enjau-
lados sem ajuda/ nunca/ casulos/ clausuras/ agruras/
tortura/ sequer o tédio arrefece/ ou o desânimo recua
a ansiosa espera pela soltura/ tanto faz se anos ou
meramente horas de reclusão tenebrosa/ lá, qualquer
farpa, mesmo a mais frágil, mata/ ou qualquer lágrima/
para nunca mostrá-la ou demonstrara a fraqueza ante o
problema/ a rotina sob detenção/ há loucos à solta no
calabouço dos dias/ tráfico de influência no mercado
negro dos desejos/ em segredo, manda-se cartas de
feliz aniversário ao filho/ para a família manda-se
até dinheiro vivo/ já a execução do cunhado/ dela-
tor/ essa encomendou-se desde ontem/ por telefone]

a anima da máquina, o animus do mecanismo

bomba-relógio

*Quando por algum motivo
a roda de água se rompe,
outra máquina se escuta:
agora, de dentro do homem*

João Cabral de Melo Neto

*[...] e range uma dor antiga de estação ferroviária
aquela sanha do vagão que noutro se engata
o destino dos trilhos, a apatia das máquinas.*

Marcus Fabiano Gonçalves

conjunto hidráulico, interno ao tórax, batendo às custas de um susto inexplicavelmente bombeado a válvulas e ventrículos, reclusos mas vivos, sob o complicado músculo oculto à jaula das costelas (gaiola incluída ao torso) cujo único conteúdo (de êmbolos e pistões) é um coração humano, cuidadosamente colocado debaixo da ossatura; sua arquitetura circulatória faz alastrar um labirinto repleto de veias e artérias (a teia posta em órbita do astro vascular) vividamente pigmetado pela tinta da hemoglobina; suas tantas roldanas e alavancas lembram as do autômato de leonardo, entretanto, se atritam, atrapalhadas pela nódoa de óleo à base do colesterol, a lubrificação deficitária atrasa a delicada calibragem de suas catracas dentadas; o quanto maquina essa usina, entre outros nocivos aditivos à parte a química da nicotina, que seria possível (sua engenharia lírica), além do combustível contido numa única injeção de adrenalina, construir o delírio; mas como debelar-lhe a rebeldia cardíaca nas batidas, se não recrimina a briga entre a camomila e a cafeína? romperiam-se os lacres do miocárdio, no ápice do infarto, caso cumprida a frio a última profecia do seu cardiologista: o orgulhoso relógio dos ódios seguindo obsessivo o ritmo cego dos glóbulos sanguíneos; quando a frequência do querer passar a esperar carinhos de uma ausência maciça, reclamará o dolorido no lado esquerdo do peito; se não der cabo da fome enorme de suas saudades, reforçada a cada hora por quaisquer carências ditas interditadas, é possível que cesse, dependente do reset, se não o tenham desfibrilado (driblando o óbito no golpe do eletrochoque), ou redobre o rigor do giro pelo implante do marcapasso; ainda assim, progridirá voraz o amplo oásis do abandono, um expedicionário solitário a habitar-lhe o desamparo: numa tarde morta, possível que pare - por estar só.

caixa-preta

*[...] regresssei pelo mesmo caminho
e o cão não me ladrou porque estava morto,
e as moscas e o ar já haviam percebido
a diferença entre um cadáver e o sono.
Ensinam-me a piedade e a compaixão
mas que posso fazer se tenho um corpo?*

Gonçalo M. Tavares

*Cada pedaço de carne é uma espécie de fábrica,
moinhos e lagares de sangue.
Tubulações, altos fornos, cubas - vizinhos de martelos pilões,
coxins de graxa. O vapor jorra, fervente. Fogos sombrios
ou claros encarnam-se. Sarjetas a céu aberto
carreiam escórias e fel. E lentamente, à noite, à morte,
todas essas coisas se resfriam.
Breve, se não a ferrugem, pelo menos outras reações químicas
se produzem [...]*

Francis Ponge
(Trad. Júlio Castañon Guimarães)

no corpo, no rosto, sempre:
uma caveira os frequenta,
interna, atrás da pele, sob a
epiderme; o que a superfície
serena aparenta mascara o
cancro e, por hóspedes, os
vermes; os tecidos exercendo
seu arcano, são meandro ca-
muflando o âmago; enquanto
o tórax resguarda o motor do
miocárdio; o encéfalo: no
crânio; no osso: tutano; no
esqueleto temporário, uma
centopéia de vértebras o
sustenta, as vísceras lacradas
ao ventre, mero aparato
maquiado sob camadas de
células, em série, a lânguida
flâmula no acúmulo dos
músculos, eis toda a verdade:
o que mostra esse monstro,
ogro, invólucro, é um evento
pregresso, esperado sem
mistério, ter corpo é habitar
o futuro cadáver de si
próprio, ignóbil, sólida
necrose avançando sobre o
óbvio, aviso prévio, carne e
ossada (nem sempre velhos)
desse espécime de cemitério.

ferro-velho

*(pois tudo a lavanderia
apaga, menos
a memória
que vira cimento ferro alumínio
tubos de plástico)
mas
como mostrar os vestígios
da morte
os traços
do corpo tornado fósforo?
(a chama mortíça do câncer
a consumi-los)?*

Ferreira Gullar

uma máquina nunca infecciona; uma máquina de fábrica trabalha alheia à consciência da extinção embora seja temporário seu exercício restrito e obedeça sempre aos termos de uma dupla obsolescência: edema, a retirada de comércio; sequer a máquina humana é plena; reclama ante a falência, inflama crônicos arcos precários, do hematoma bobo, do tombo, ao laborioso cancro sacrossanto; finda a medicina, não há remendos, quiçá remédios, ante a ineficiência da caixa de ferramentas; talvez adoeça e cesse o módulo biológico, que a rota do corpo é sem volta, único sintoma rumo ao subterrâneo, ômega da mortalidade sem retorno; é trágico o defeito de fabricação, do morto; a ossada enterrada, peça por peça, o conjunto dos parafusos, cada alavanca interna, as partes submersas, até consumi-la inteira um solo absoluto; um ruído perpétuo de martelos, erosivo, o tambor agredindo os ouvidos (luto com marcha fúnebre); sobre um terreno eterno, cemitério de chassis desassistidos esse ferro-velho: área ancestral de desmantelo.

daemon-endo-machina

ad astra et ultra!

*a máquina estrelada
círios
vapor se entranha e cala
é hora dos morcegos entre o pó
e a rocha*

Álvaro Mendes

I.

egressa da mais pesada treva, entrevista apenas num átimo de instante a cada século, pelo canto dos olhos brancos dos poetas cegos, (dura um único milisegundo sua aparição, fogo-fátuo no ato, relâmpago de neon) sua cintilação emerge rápida, surge larga a trágica e ampliada máquina hidráulica, seu coração escondido sob cordas, bólides, êmbolos, membranas, das gigantescas roldanas que vão moldando dos mínimos cataclismas cotidianos aos máximos e magnânimos acontecimentos astronômicos, por trás de tudo, de cada mínimo detalhe deste mundo, essa máquina absurda os regula, instalada na camada de visgo, entre o *real* e o *possível*, lúbrica, a máquina fabrica o *passadopresentefuturo* simultâneos, lubrifica *vida*, ludibria brigas, cria e revira os mistérios radicais da auteridade, os reescreve, codifica, criptografa, posta mensagens na garrafa, sua graxa se espria até os limites do abismo sub-atômico, táquions, neutrôns, elétrons, fótons, quarks narcotizados dançam dentro de seus salões energizados, gritam línguas deificadas nas mais longínquas plêiades, essa máquina simplifica o trabalho dos *deuses*, intoxicados de tão entregues ao próprio ócio (oh! ócio do mais sagrado!), de tão ocupadas dele, ébrias divindades delegam toda a excentricidade das galáxias; a máquina se incrusta às durações, cria estrelas negras em estratosferas recém-fabricadas, supernovas nascem superpostas no olho dos furacões de poeira cósmica, engole seres e os devolve à vida, máquina líquida, milagrosa e mágica sua magia gênica, ao mesmo tempo microscópica e ciclópica, fértil e inócua, lógica e caosmótica, lesma lenta ou súbita estrela, à velocidade da luz (seus muitos reatores, mudos, à velocidade do obscuro);

daemon-endo-machina

abyssus abyssum invocat

II.

cabos, tubos, gruas, torres de tremendas antenas, braços e tentáculos hidráulicos içando cada partícula de matéria e fragmento de tempo, soldando-os uns nos outros, costurando às entranhas do *caos* a previsível matéria dos dias; não raras vezes, seus transistores mais tristes (esqueletos destituídos do próprio silício) silenciam por eras, mas despertarão, prioritários pois seus dínamos gnósticos engendram misteriosas burocracias de tantas outras conjugações desconhecidas, cabalas, abraxas, abracadabras da máquina sem lágrima, e seus capacitores acumulam o único ruído possível; não há falha na máquina, nunca, sequer alguma gangrena na engrenagem, por desgaste, a máquina não julga, não suja, não atrapalha nem ajuda e jamais enferrujaria, apenas perdura regurgitando tudo; exilado do território das horas, longe, perto, aparato que reflui sempre rente à tessitura da realidade, radioativo, fluindo além do tempo, e serpenteia alheio à toda inércia, entretanto absolutamente congelado como a muralha da china ou os himalaías, se visto de cima; se houvessem lados onde existisse a máquina, inexistiriam seus chassis, eixos, espelhos, pistões, entranhas elétricas ou quaisquer outros dispositivos internos a ela, a máquina é seu próprio e único bloco incólume, sem base, sem cume, sem cúspide, longa serpente de *ouroboros*, cobra emplumada, sem dobras, sem sombra, sem nódoas, um dragão alado, a *máquina-nemmacho-nemfêmea*, o anjo enjaulado numa ogiva nuclear; a máquina é um pássaro voando dentro do ovo; é o sonho do sonho de seu próprio sono, entretanto sem corpo, sem fome, sem morfeu; a máquina se enraíza entre a dúvida e a existência; a máquina nos incendeia entrevista apenas num átimo de instante a cada século pelo canto dos olhos brancos dos poetas cegos; trina, não cinde, perene, seu bafo turvando o limbo atrás da frágil e ininterrupta vidraça do *real*.

blecaute

*Somos algo recente e raro
no universo, como rara
é também a própria luz
dos sóis deste sol que nos aclara.
Todo o universo é treva.
Inalcançável vastidão escura
dentro da qual os sóis, as explosões
de gás e luz são exceções.*

Ferreira Gullar

*[...] que força impelirá
teu sonho para o canto
metálico do mundo? [...]
Teus pés descobrem chumbo
nos rebordos das pedras.
E teus lábios se movem
numa linguagem muda
que o tecido da noite
absorve, como um túnel.*

Gilberto Mendonça Teles

embrulho, profundo negrume se espraia (nevrálgico o espalhamento) primeiro rarefeito depois mais denso, derrame endêmico; arame farpado continha a clara área do dia lavrado, que se extingue agora, enquanto outra força avança, essa zerando os visíveis; só um distante enxame de estrelas acena, adiando mini-coágulos luminosos, os últimos que resistem, fauna de vaga-lumes (lesmas de luz numa ourivesaria de safiras), de cometas, ou quaisquer desses corpos cadentes incandescendo à máquina da astronomia; o negro regrando o grau mais agudo da treva, crematório extinguindo o limbo das rugas aéreas de noites constelares, alterando a gravura azul de céu ancestral, diurna, iluminada ainda antes que o broquel robusto do zarcão escuro assuma perante o escudo do crepúsculo uma vastidão de sombra antes do declínio noturno: eterna, invertida, à hora do *blackout*, que é

a g o r a n o i t e c e r

post-scriptum

*Tudo o que sobrar de mim
é papel impresso.
Com um pouco de manhã
engastado nas sílabas, é certo [...]*

Ferreira Gullar

haverá uma máquina intacta,
ainda, entre ossários e cadáveres;
extinta a vida biológica, haverá
ainda facilidades artificiais;
que tudo acabe, que um raio aplaque
a virulenta efervescência humana,
que o suicídio coletivo, em massa,
em escala planetária superpove
o futuro com túmulos resolutos,
restará ainda a máquina anônima,
total, renomeando com números
o que restar do mundo.

uma poética industrial e suas máquinas fatais

*por Mauro Gama**

Não existe lirismo, na poética dessa *Casa das máquinas*, de Alexandre Guarnieri. Sua atitude estética é de um realismo essencialmente objetivo, e imediato. Situa-se num dos pontos extremos da vertente que se inaugura com *The Rationale of verse* (1848; A análise racional do verso), de Poe, passa por Baudelaire, pelo último Mallarmé e, para resumirmos esse itinerário, ilumina, na língua portuguesa, a fonte primordial d'*O Livro de Césário Verde* e se consolida, no Brasil, com João Cabral de Melo Neto. Mas Guarnieri tem ainda, entre suas peculiaridades, a de eleger um campo semântico exclusivo, o da paisagem industrial e sua parafernália. Nessa perspectiva, produz componentes poemáticos de pleno compromisso com o plástico e visual. Além de conceber seus poemas como blocos de escrita maciça e geometricamente delimitada (mas sem analogia com a experiência lúdica e imitativa de Apollinaire, entre outros), textos como “Uma lâmpada”, “Duas válvulas”, “Três engrenagens” são naturezas-mortas desse contexto estrito, onde os objetos posam ou agem, e interação, sob os olhos atentos do artista que as reinventa, no mundo verbal e do espaço branco.

Essas distinções são imprescindíveis para se assinalar a presença do autor, pois estamos num momento em que se polemiza estéril e histericamente em torno da concisão e da racionalidade ou, em outro plano, se induz a poética, algo pateticamente, a certo lirismo esteticista e elaborado de perito para perito, versão hodierna de uma “arte pela arte” crivada de pruridos e sanhas pessoais (havendo ainda quase trinta ou mais tendências que disputam o obscuro foco, ou a “luz negra”, da poesia na precária cena da literatura no Brasil). No entanto, o que logo sobressai no trabalho

de Alexandre Guarnieri não é a coerência “genealógica” de sua posição, mas precisamente a liberdade com que a ela se dá e vai consolidando suas opções. Como Flávio Castro, outro notável poeta de sua geração, sabe como as birras são burras, como a competição, as contendidas, nesse terreno, ou não levam a nada ou só ao atraso e à infecundidade, então é preciso ler e considerar a obra dos irmãos Campos, como ler e considerar a contribuição de Chamie, do pessoal do poema-processo e de tantos outros marcos individuais ou coletivos (mesmo porque todos, afinal, são isso e são aquilo: alguns dos que se gabam de uma dourada e suposta independência trouxeram suas raízes dos EUA, ou as importaram de lá, de Portugal, da França, da Inglaterra, da Alemanha).

Vê-se, portanto, que Guarnieri percorreu todas as trilhas de seus antecessores e informou sua compulsão expressiva com a tradição que o precedeu; com a tradição, esclarecemos, naquele sentido histórico e dinâmico em que Eliot insistiu e pelo qual sugeriu “a concepção da poesia como um todo vivo de toda a poesia já escrita”. Na verdade, esse é um árduo aprendizado, o oposto ao da grande maioria dos ditos literatos, já que se pauta, fundamentalmente, pela “extinção contínua da personalidade”, na lição do mesmo, e ultralúcido, Eliot. É curioso como toda “originalidade”, sem isso, raramente ultrapassa a impostura ou o carreirismo, e como o novo, para ser autêntico, só se pode alcançar a partir da inteira competência no lastro da cultura assimilada. Outro aspecto decisivo, nessa ótica, e sobretudo num quadro de produção estética dentro dos limites do Terceiro Mundo, é a superação ativa e consciente de todos os resquícios do romantis-

mo. O romantismo quase sempre mela, e afrouxa tudo. Mas insiste: é como certos surtos e sustos de alienação religiosa; de quando em quando se reanima, suspira, arrebanha os desavisados e se camufla (ou não) numa poesia que, longe de se identificar com o nosso tempo, e com o processo histórico que veio modelando-o, mergulha no próprio umbigo ou foge para um nicho qualquer de fuga ou idealização medieval. De uns anos para cá, o viés romântico anda travestido de um estilo algo nostálgico e evanescente que virou o estereótipo “médio” das receitas de oficina literária, em que pululam pretendentes de todos os matizes. Alexandre Guarnieri, na formulação de sua frase, ainda trabalha com a sintaxe lógico-discursiva, com uma mecânica de abordagem prosística da matéria-prima poética, com símiles explicitamente sustentadas, mas não apresenta, de fio a pavio, sequer um traço da articulação romântica: em enunciados metafóricos como “tubos lubrificados”, “o inchaço inerente ao eixo”, “a carapaça aparafusada” ou “intestino eletro-técnico”, seus referenciais emergem do real concreto em que se entrançam o industrial, o anatômico, o zoológico, oferecendo-nos a recriação pós-moderna – e desconstrutiva – de um universo desumanizado, ferozmente entretecido de informação e tecnologia. Guarnieri, no entanto, não nos diz o que sente ou pensa a seu respeito: reinstala verbalmente sua matéria viva, e uma denúncia por isso mesmo mais demolidora.

No “Urbi et Orbitron” sobretudo, seu trabalho mergulha no cerne, e na guerra (civil), da vida urbana, envolvendo ao mesmo tempo a visualidade e a movimentação de várias camadas de comunicação poética essencialmente contemporânea, que se edificam como

o vir (à tona) e devir cíclico da cidade e sociedade em que se inserem, reafirmando uma síntese de expressão verbal ao mesmo tempo nuclear e relativa, traumática e cambiável, da instável existência humana de hoje. Destaquem-se, no conjunto, poemas como “Claustros”, “Funcionário” ou “Repartição”, pela agudeza crítica e intensidade do trato existencial. Em sua organicidade espatemporal, o texto retoma (e renova) uma linha de experiências formalistas e concretizantes que vêm desde a “Apoteose” de Sá-Carneiro e passam pelos vetores mais expressivos da vanguarda brasileira na década de 1960. Experimentalismo? Uma ala da nossa crítica passou a rotular de “experimental” toda literatura que não vai ao encontro de suas noções acadêmicas. Ora, experimental é tudo: desde o que, como no “daemon-endo-machina” de Guarnieri, se reprocessa no múltiplo projeto que remói todo o presente e salta deste para o futuro, até qualquer soneto “neoparnasiano” em que um sujeito (e objeto) reescreve melancolicamente em conformidade com o padrão *consagrado*, preferindo dar as costas para o presente e submergir tranquila (ou desesperadamente) no passado. Ora, “o *consagrado*, numa língua, como lembra o romeno Cioran, constitui sua morte: uma palavra *prevista* é uma palavra defunta; só seu emprego artificial lhe insufla um novo rigor (...)”. E o rigor, com relação à palavra, é o próprio ofício do poeta.

Ciente disso, o jovem Guarnieri trabalha sua linguagem com uma consciência integrada não propriamente de suas qualidades e resultados “literários”, mas físicos e fisionômicos, indissociáveis do desenvolvimento interno e concreto, gráfico de sua escrita. São exemplos inequívocos, desde o início do livro, o hábil trata-

mento das consoantes em tr e gr nos “Três engrenagens”, que de tal modo incorporam a interrelação, o atrito, as marcas do desgaste, que o deslizar da graxa ou a aridez de sua falta se tornam quase palpáveis; assim também os tês que percutem o ritmo dos “Quatro motores” ou, na segunda das “Duas válvulas”, a tensão crescente feita de eles e tês, que chega a inquietar, a ameaçar a atmosfera da leitura nos vês das últimas linhas.

É, porém, no segmento da “Alameda da indústria” propriamente dita, em que algarismos e letras se mordem e se atropelam, que se dá todo o enlace funcional e definitivo dos significantes e significados de Alexandre Guarnieri: como se de suas estranhas naturezas mortas passasse decididamente para “ambientes” de amplo arcabouço material e social, em que o espaço se alarga ao mesmo tempo que se fecha e asfixia, implode e explode, destrói de dentro para fora e de fora para dentro; quando “autômatos se somam/ na linha de montagem aos últimos funcionários com rostos” (“Casa das máquinas”, 4). O poema, então, assume o clima e o mal-estar da indústria, a persistente doença de sua segmentação, seu fracionamento de esforços desindividualizados, suas dilacerações em que produto e produtor se confundem, e o homem (e a mulher) deixam de existir: “são senhoras, estes tristes arietes em riste” (“Rouparia”); ou “a rota do corpo é sem volta, único sintoma rumo ao subterrâneo ômega da mortalidade sem retorno” (“Ferro-velho”).

Ao encerrar sua primeira coletânea, o poeta instala o leitor entre paredes a um tempo gráficas, fonológicas e semânticas sem saída, sem horizonte além do que, inquietantemente, pode estar sendo gerado na seção terrificante da “A âni^{ma} da máquina”: sua es-

perança centrífuga é o desastre final, ou a energia libertadora? Há algo de esmagador e apocalíptico em seu “Blecaute”. A propósito, não esqueçamos o Brecht capaz de nos ensinar, como ninguém, que “de um rio que tudo arrasta/ se diz que é violento,/ mas ninguém diz violentas/ as margens que o comprimem”. É como no texto de Guarnieri: ali se consubstancia, na recriação de um universo verbal, a maior violência dos nossos dias: a da perda de qualquer sentido das atividades humanas emocionalmente dissociadas e em condições de crescente confinamento.

* **Mauro Gama** nasceu em 1938, no Rio de Janeiro. É poeta, tradutor, ensaísta e crítico literário. Foi redator em várias revistas, jornais, enciclopédias e dicionários. Publicou *Corpo verbal* (1964), *Anticorpo* (1969), *Expresso na noite* (1982) e *Zoozona seguido de Marcas na noite* (2008). Traduziu sonetos de Michelangelo (2007).

sobre o autor

Alexandre Guarnieri, carioca de 1974, é arte-educador (habilitado em História da Arte) pelo Instituto de Arte da UERJ e mestre em Tecnologia da Imagem pela ECO (Escola de Comunicação da UFRJ). Como arte-educador atuou, inclusive, nos programas educativos do CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) e do MAM, além de ter produzido materiais didáticos para exposições de destaque no Rio; Na infância se interessou por desenho, histórias em quadrinhos (e o que pudesse colecionar sobre super-heróis, robôs, samurais, filmes do Conde Drácula e naves espaciais). Mergulhou na poesia 89, quando descobriu livros de Gullar, Drummond, Lêdo Ivo e Manoel de Barros na biblioteca do colégio. Integrou, a partir de 94, o movimento carioca da poesia falada ("CEP 20.000", "Cambralha", "Interface" na UFF, "Revista Urbana" no Castelinho do Flamengo, "Zn-Zs" na UERJ). Colaborou com o jornal de poesia "Panorama da Palavra" e teve poemas publicados em jornais e revistas. "*Casa das Máquinas*" é seu livro de estréia.